Centro de Estudos Baianos

WALDEMAR MATTOS

PIRAJÁ: RELÍQUIA DO HEROISMO BAHIANO

PUBLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

126

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000

WALDEMAR MATTOS

PIRAJÁ: RELÍQUIA DO HEROISMO BAHIANO

Universidade Federal da Bahia
Centro de Estudos Baianos
1987

Prof. Germano Tabacof
Reitor da Universidade Federal da Bahia

Profa. Eliane Eliza de Souza e Azevedo
Vice-Reitora da UFBA.

Prof. Fernando da Rocha Peres
Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA.

VITAE
Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social

Mattos, Waldemar
Pirajá, relíquia do heroismo baiano/ Waldemar Mattos. — Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987.
42 p. ; 22 cm. -- (Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, Publicação; 126)

1. Bahia - História. I.Título. II. Serie.

CDU - 981.42

(Preparada pelo Centro de Estudos Baianos da UFBA)

S U M Á R I O

PIRAJÁ, RELÍQUIA DO HEROISMO BAIANO 03
CAMINHO DA CIVILIZAÇÃO..... 04
IGREJA DE S. BARTOLOMEU DE PIRAJÁ..... 07
REDUTO DA LIBERDADE..... 11
ROMARIA CÍVICA A PIRAJÁ..... 24
PIRAJÁ NA ANTOLOGIA POÉTICA..... 27
PARQUE HISTÓRICO DE PIRAJÁ..... 31
NOTAS E CITAÇÕES..... 32
BIBLIOGRAFIA..... 39

PIRAJÁ, RELÍQUIA DO HEROÍSMO BAIANO

Waldemar Mattos

Pirajá[1], região de feitos heróicos que permanecem redivivos no coração da Pátria, nasceu no começo da antiga Estrada Real, primeiro caminho de penetração para o "hinterland" baiano. No sítio de Pirajá, aberto no cume de morros, interrompidos por planuras, construiu-se a primeira estrada de rodagem da Bahia, ligando Salvador a Feira de Santana (1919-1920). O trecho inicial, da Capital a Pirajá (do quilometro 0 a 6,5), recebeu o nome de Estrada de Rodagem General Labatut.

Pirajá lembra a marcha para os sertões desconhecidos e inóspitos, o avanço das "primeiras bandeiras e a intrepidez dos desbravadores"[2] do território baiano. Evoca os primórdios da propagação da doutrina do Cristo no Brasil.

Ao longo da Colônia e do Império, recorda três períodos de lutas invictas em defesa da liberdade e da unidade do Brasil. Em 1638, alí, reuniram-se os chefes militares, encarregados da defesa da Cidade do Salvador, ameaçada de invasão pela poderosa esquadra flamenga, comandada pelo Conde (mais tarde

Príncipe) João Maurício de Nassau. Em 1823, alí, os baianos, em combates memóraveis, consolidaram a independência nacional. Na Revolução Baiana de 1837, conhecida por Sabinada, converteu-se no centro de operações das tropas legais que derrotaram os sabinos, em 1838, e mantiveram a unidade do Império, ameaçada pelos rebeldes com a transformação da província da Bahia em "estado livre e independente".

CAMINHO DA CIVILIZAÇÃO

Pirajá situa-se em terras da sesmaria concedida por Francisco Pereira Coutinho, donatário da Capitania da Bahia, a João de Velosa, "que já no seu tempo começou a fazer alí um engenho".[3]

Do lado esquerdo, contempla-se, embevecido, a paisagem da Bahia de Todos os Santos, rendilhada de ilhas. No "lagamar de Itapagipe", entremeado "de verdes ilhotas", desvenda-se "ao fundo os altos de Lobato". Investindo para Cabrito — um marco histórico da Guerra da Independência — retoma seu círculo a enseada, até São João de Plataforma, outrora aldeia de índios alí reunidos pelo jesuíta, e depois desembarcadouro e quartel de Nassau e holandeses em malogrado assédio à cidade brava[4]. Mais além, emergem as ilhas de Maré, dos Frades e de Itaparica, esta última, marco de feitos gloriosos nas lutas da independência. Do lado direito, o olhar se perde ao longo da rodovia Salvador-Feira de Santana, via de acesso, em alto padrão, que, por imposição do progresso, absorveu o primitivo caminho colonial, outrora palmilhado pelos povoadores do sertão.

O Engenho de Pirajá ou Engenho de El-Rei, ao contrário do que diz o alvará de 5 de outubro,de 1555,expedido pelo

Soberano a D.Duarte da Costa[5], em 1561 moía e dava rendimento, parecendo estar arrendado. Pelo menos isso faz crer o seguinte lançamento: "houveram pagamentos... em Fernão Vaz da Costa, tesoureiro, para os pagar do rendimento do engenho de Pirajá, que o rendeiro havia de dar do ano passado".[6] Em 1857 estava efetivamente arrendado: "entrando por este esteiro (de Pirajá), pondo os olhos na terra firme, tem uma formosa vista de três engenhos de açúcar, e outras muitas fazendas mui formosas da vista do mar, e no cabo do Salgado se mete nele uma formosa ribeira de água, com que mõe um engenho de açúcar de S. Majestade, que alí está feito com uma igreja de S. Bartolomeu, freguesia daquele limite, o qual engenho anda arrendado em seiscentos e cincoenta arrobas de açúcar branco cada ano".[7]

Com o correr dos anos Pirajá tornou-se o "centro de uma região de engenhos, onde naqueles primeiros decênios do século XVI, havia uma população maior, e procurava-se manter uma situação preponderante, graças aos recursos materiais existentes".[8]

Nas "Ribeiras de Pirajá" a Companhia de Jesus fundou a primeira Aldeia de S. João. Tinha como orago S. João Evangelista (festa a 27 de dezembro) e no seu engenho de S. João, pregou o padre Antonio Vieira, em 1633, "o seu primeiro sermão público, quando tinha apenas 25 anos e ainda não sacerdote, sermão que é a favor dos escravos negros, um brado veemente de abolicionismo antecipado, não total, impossível naquele tempo, mas nobre e generoso".[9]

A profecia do gênio da Companhia de Jesus,

decorridos 255 anos, concretizou-se a 13 de maio de 1888.

"Nos sermões desse tempo mostra-se já Vieira o orador que mais tarde havia de grangear dos contemporâneos tamanho aplauso. Desde então, pode-se afirmar, foi sempre igual a si mesmo; possuia as qualidades todas que o distinguem; nenhum dos defeitos corrigiu depois. Erudição, estilo grandioso, intimativa, número, propriedade notável de linguagem, elegância e pureza, de uma parte; de outra o abuso das alegorias, das antíteses, as subtilezas, os trocadilhos, os maneirismos, que infamavam a literatura da época, e sobretudo a eloquência. Com justa razão o arcebispo de Évora, Cenáculo, no catálogo dos livros que os pregadores devem ler, não inclui a Vieira entre os clássicos do pulpito. Riquezas verbais brotam-lhe a flux, mas é preciso, diz Camilo Castelo Branco, "desenreda-las do sarilho vicioso em que ele se invencilhava". Mas não importam os defeitos; na contextura do discurso, na expressão, em pequenos quadros de fino lavor literário, nos rasgos de palavras esparsos, muitas vezes atinge as culminâncias de orador insigne".[10]

A Aldeia de S. João, no Pirajá, dispersa em 1560, constitui uma das "primícias da catequese jesuítica no Brasil". Tornou-se famosa no panorama da cultura brasileira. É recordada pelo padre José de Anchieta, a "grande expressão poética da conquista"[11], no poema épico *Hem de Sá*.[12]

Para defender o esteiro de Pirajá, "também conhecido por Baía de Itapagipe", levantou-se o forte de São Bartolomeu da Passagem[13], sobre antiga trincheira, de onde os baianos hostilizavam os fla

mengos instalados no Monte-Serrate. Ficava a uma légua da cidade.

Em Pirajá D. Pedro I, em 1826, sentiu de perto, as emoções do local onde os baianos se bateram com denodo pela causa da independência, — e souberam sobrepor-se às pequenas paixões políticas do momento.

A 9 de outubro de 1859, D. Pedro II, acompanhado de veteranos da independência visitou Pirajá. "S. M. entrou na Matriz, onde foi recebido pelo respectivo pároco, e aí, ajoelhando-se fez uma breve oração: em seguida depositou sobre a lousa do general Labatut uma coroa de perpétuas, pedindo aqueles que o acompanhavam que dirigissem preces ao Céu pelo repouso eterno do imortal lidador da nossa independência. Depois S. M. dirigiu-se ao Cabrito, examinou tudo minuciosamente e mostrou-se muito satisfeito".[14]

No século atual, Pirajá desenvolveu-se em função do crescimento da cidade para a zona norte. Integrou-se à paisagem urbanística da antiga metrópole dos primeiros vice-reis do Brasil.

IGREJA DE S. BARTOLOMEU DE PIRAJÁ

Construção da segunda metade do século XVIII.

A primitiva igreja, do século XVI, dominava uma planície deserta e montuosa[15]. Na opinião de Teodoro Sampaio, nasceu à margem de uma ribeira, denominada Pirajá, onde dominava o chefe indígena Mirangaoba.[16]

Coube ao padre Vicente Rodrigues que andava "pela Bahia a dentro", provavelmente a honra de

ter sido o primeiro sacerdote que pregou e administrou os primeiros sacramentos naquelas paragens, protegidas de floresta densa, umidecida por grotas e riachos.

A 7 de novembro de 1757, o vice-Rei, D. Marcos de Noronha, encaminhou ao Soberano, as informações solicitas na carta régia de 1 de abril do mesmo ano, sobre o requerimento do padre Francisco Batista da Silva, vigário colado da Frequesia de S. Bartolomeu de Pirajá, e demais paroquianos, expondo o estado em que se achava a primitiva igreja, "quase demolida", e pedindo "pela sua muita pobreza não poderem concorrer para a sua reedificação", fosse servido Sua Majestade, "por sua real grandeza mandar pela fazenda real reedificar esta Igreja, visto o deplorável estado em que se acha".

A base da informação do provedor mor da fazenda real, fundamentada no auto de vistoria do engenheiro Manuel Cardoso de Saldanha, e do mestre pedreiro Manuel Domingues, relata o parecer do governador: "o sítio onde novamente a queriam fundar era pouco distante do outro donde se achava a antiga Igreja, e muito próprio para a nova situação, cuja obra avaliavam na quantia de três contos, cento e trinta e cinco mil, e seiscentos e vinte réis, tendo as paredes da Capela mor, Sacristia, e casa da fábrica as grossuras que constam do termo de avaliação".

Declara o provedor, "que para esta Igreja não consta se desse outra alguma esmola mais de que a de quatrocentos mil réis que V. Majestade aprovou por provisão de dez de abril de 1681".Prosseguindo: "termos em que lhe parece ser justa a pretensão do Vigário, e Freguesia, e que se lhe de

ve deferir, mandando se fazer a predita Igreja pela fazenda de V. Majestade, procedendo primeiro arrematação por ser esta a prática que se observa".

Finalizando, conclui o VI Conde dos Arcos: "Eu me conformo inteiramente com o parecer do Provedor mor, atendendo à necessidade que há daquela Paróquia, e que nos moradores dela não há possibilidade alguma para poderem concorrer com alguma parte da despesa que necessàriamente se deve fazer com esta obra".[17]

Diz o requerimento do padre Francisco Batista da Silva, que a Freguesia de S. Bartolomeu de Pirajá, "uma das mais antigas do Arcebispado da Cidade da Bahia", "foi erecta e criada há mais de 100 anos"[18]. O monsenhor Manuel de Aquino Barbosa acha "que deveria ter sido criada por D. Antonio Barreiros, terceiro bispo, ou, mais provavelmente, por D. Pedro Leitão[19], segundo prelado que ocupou o sólido primacial do Brasil, se tomarmos em consideração a afirmativa de D. Sebastião Monteiro da Vide, atribuindo a esse Prelado a criação de onze freguesias".[20]

Em 1775, o medidor das obras da cidade, Manuel de Oliveira Mendes descreve: "divide pela parte do sul com a Freguesia de Santo Antonio do Carmo e do norte com a Freguesia de S. Tomé de Paripe, ocupa do norte ao sul, 2 léguas. A Matriz se acha arruinada, tem três capelas filiadas e compreende 156 fogos[21] e 897 Almas".[22]

Venera-se Nossa Senhora da Piedade, em tamanho quase natural, uma das mais belas peças da imaginária baiana, engastada no altar mor. A Madona que iluminou e animou nos momentos cruciantes, as

legiões de heróis que se degladiavam em suas proximidades, em defesa da liberdade e da unidade do Brasil.

Escultura de madeira, de valor artístico e histórico, boa apresentação, com encarnação própria, presumivelmente do século XVIII, época da construção da atual igreja. Composição diagonal. Sentada, braços e mãos abertos, como quem está implorando alguma coisa. Cabeça coberta com manto. Olhar piedoso, de súplica, voltado para o alto. A sua esquerda aparece o tronco do Cristo, jogado com grande naturalidade, apoiado no regaço. Restaurada pelo professor João José Rescala, que removeu a pintura posterior, falsa, surgindo, daí, a encarnação original.

A Igreja de S. Bartolomeu de Pirajá presenciou acontecimentos decisivos da vida brasileira no Império. Testemunhou as pugnas travadas em Pirajá, "ouviu os gritos da vitória, colheu as primeiras preces de reconhecimento, recebeu as primeiras ações de graças e conservou, para sempre, a pureza daquela fé que animou e encorajou as hostes nacionais para o passo decisivo da consolidação da independência brasileira".[23]

Consigna a lápide comemorativa, inaugurada a 28 de maio de 1938, pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, na fachada: "Aos 17 de abril de 1638, os responsáveis pela defesa da cidade, sob a presidência do governador D. Pedro da Silva assentaram neste sítio as providências de que resultou a salvação da Bahia. — I.G.H.B."

Santuário de Pirajá, relíquia baiana, conjugada à vida militar e política da Nação.

REDUTO DA LIBERDADE

Pirajá começa a figurar nos assentamentos das lutas guerreiras na Bahia, a partir de D. Duarte da Costa, segundo governador geral do Brasil. A campanha de D. Alvaro da Costa, em 1555, desenrolou-se toda ao redor da Cidade, entre Pirajá, Rio Vermelho e Itapuã, "pela peste e fome, pelas violências a pretexto de castigo aos Caetés, — de que resultaram as sesmarias de Simão da Gama de Andrade (1552-1562) em Pirajá, inclusive a ilha dos Frades."[24]

A 17 de abril de 1638, reuniu-se em Pirajá, um Conselho, no qual o Conde de Bagnuoli foi de parecer que ao em vez de atacar-se o inimigo, os brasileiros deviam se conservar na defensiva.

A despeito da oposição sofrida, venceu este parecer: "Bagnuoli já assediada a Bahia, em 1625, conhecia-lhe os pontos fracos; de *espada em punho andou em toda a parte*, premiou, no próprio campo, a coragem com promoções, depois confirmadas".[25]

A independência, que se proclamara às margens do Ipiranga, em São Paulo, a 7 de setembro de 1822, entre justas expansões de entusiasmo, como resultado natural da evolução de fatos marcantes da história brasileira no campo das idéias nativistas, "recebeu, na Bahia, o batismo de sangue, que a transformou na causa sagrada de todos os brasileiros".

Pirajá, sentinela avançada do sistema de defesa da Cidade do Salvador ao longo de mais de três séculos, graças a sua posição altaneira, dominava a Estrada das Boiadas, sucessivamente denominada Rua das Almas, hoje 8 de novembro, via de co

municação da Capital com o norte e centro. Deflagrada a pugna épica, Pirajá converte-se no principal acampamento das tropas nacionais que lutaram pela consolidação da independência brasileira, em terra e mar.

No primeiro plano, compunha o cenário ocupado pela sede do distrito de Pirajá, a floresta exuberante das colinas, com toda a sua pujança original, embrejada nas baixadas, pelos rios pequenos, riachos e grotas. Mais além, aparecem a encosta que descamba para o mar e as praias seixosas de Plataforma, Itacaranha e Periperi.

Dalí, dominava-se a enseada do Cabrito e o controle da entrada de víveres na Cidade, em poder das tropas portuguesas, sob o comando do brigadeiro Inácio Luís Madeira de Melo, Governador das Armas.

Em Pirajá fez alto a Primeira Divisão, chamada da direita, comandada pelo tenente-coronel José de Barros Falcão de Lacerda, que passou a ocupar as margens da Bahia, na área de Cabrito-Campinas-Pirajá, do lado interior do porto, até as terras altas que estão no meio de Itapajipe.

Engrossavam as fileiras do poderoso Exército da Liberdade, sob as ordens do general francês Pedro Labatut, comandante em chefe do exército, as forças irregulares, constituídas de contigentes recrutados dos engenhos do recôncavo, junto aos rios, da lavoura e da pecuária.

Merecem citação, pela bravura com que se destinguiram e originalidade da indumentária: a força de praças milicianas e de soldados desertores da Capital, depois da vitória e das violências dos

soldados lusitanos, em fevereiro de 1822; os Voluntários do Pedrão ou Encourados, comandados pelo padre José Maria Brayner, procedentes de Pedra Branca, ostentando o fardamento de couro dos vaqueiros do sertão, "muito adaptado ao penoso serviço de correios, explorações e descobertas, por entre matos e carrascais; o contigente vinda da vila de São Francisco do Conde, acantonado na posição estratégica de Pirajá, nas alturas que forma o lugar chamado Coqueiro, e a área de Cabrito, recanto em que se localizou, posteriormente, o batalhão de caçadores, comandado pelo coronel Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, o batalhão n. 3 (Periquitos), sob o comando do major José Antonio da Silva Castro; a "guarda de Henriques", corpo de pretos creoulos, "nome tirado do daquele célebre negro que tanto se destinguira no período da guerra holandesa", comandado pelo major Manuel Gonçalves da Silva; o corpo de voluntários, organizado pelo coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, remanescente da dinastia da Casa da Torre, com sua gente, reuniu todo armamento e tropa no Engenho Novo de Pirajá, propriedade de Luís da Costa Guimarães.[26]

Visando eliminar o bloqueio da Cidade sitiada, os portugueses, em situação dramática, premidos pela fome, desfecharam poderosa ofensiva em forma de pinça, contra a posição da Primeira Divisão, partindo de dois pontos: pelo mar, de São Brás e Escada, e por terra, da Estrada das Boiadas. O avanço português sobre Pirajá resultou no combate de 8 de novembro de 1822, ato heróico que passou à História sob a denominação de Batalha de Pirajá. O conceituado historiador Luís Henrique Dias Tavares, conclui: "Travou-se na área de Cabrito-Campinas-Pi

rajá, cercanias da cidade do Salvador, durante cerca de 8 horas, movimentando quase quatro mil homens e constituindo-se desde então na mais alta demonstração de resistência dos brasileiros ao longo da cansativa e ingrata campanha militar para a Independência do Brasil na Bahia".[27]

Ao amanhecer do dia, lanchões, comboiados por duas canhoneiras, dirigiram-se, silenciosamente, para a costa de São Brás e Escada, conduzindo 300 soldados de linha e 100 marujos, sob o comando do tenente-coronel Joaquim Antonio de Almeida.

Ocultamente, saltaram as tropas na praia deserta e galgaram a garganta que dá passagem para as margens do rio do Cobre, o qual pouco abaixo da cachoeira alí existente é francamente vadeável, permitindo acesso ao Engenho Cabrito.

Por sua vez, a Legião que obedecia o comando do tenente-coronel Vitorino José de Almeida marchava pela Estrada das Boiadas, visando diretamente Pirajá.

Na chapada a luta assume as proporções dolorosas de vasta sangueira, onde não se poupam sacrifícios na sustentação das posições.

Decididamente, a vitória, depois de quatro horas de fogo, favorecia o Exército da Liberdade, "já porque não progrediam os portugueses, já pela crescente decisão que se definia nas linhas brasileiras de levar o inimigo a pontaços. Eram modelos de sangue frio e tino todos esses oficiais que desfilam no poema de Santos Titara, fisionomia de heróis antigos, quase fabulosos", destacando-se, dentre eles: Pedro Labatut, Antonio de Sousa Lima, Rodrigo Antonio Falcão Brandão, e José Joaquim de

Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, patrono do exército brasileiro.

O tenente-coronel José de Barros Falcão de Lacerda, comandante dos corpos Expedicionários de Pernambuco e da 1ª. Divisão do Exército Nacional Imperial e Pacificador da Bahia, sediado no Ponto de Pirajá e adjacentes, no auge da batalha memóravel, percebendo a derrota deliberara "uma retirada para posições mais seguras", onde podesse "melhor organizar a resistência e nesse sentido ordenara a Luîs Lopes, clarim português, o toque de recuar.

Mas, "ô DEuses!", exclama Santos Titara[28] em seu poema épico:

> *"Confundindo a voz dada o Trombeteiro*
> *(Desacordo feliz!) no clarim trôa,*
> *Em vez d'a retirar, qual manda* Barros
> *Que avancem Esquadrões, porque em degola*
> *Horrenda tronquem as hostîs falanges".*

A nota a esse trecho do Canto II, esclarece que o corneteiro, "sendo-lhe ordenado que tocasse a retirada, invertendo o sinal, tocou a avançar cavalaria à degola.[29]

Esta preocupação ou engano, Santos Titara, convertido em historiador por Wanderley Pinho, relata; Inácio Acioli confirma, e D. Ana Ribeiro de Araújo Goés em suas memórias subscreve o que ouvira na tradição oral.[30]

Na estância seguinte, Santos Titara combatente voluntário alistado no Exército Libertador e fiel narrador da epopéia da guerra da Independência na Bahia, descreve os lances de bravura dos soldados do Exército Libertador, frêmitos de patri

otismo com o reflexo do som do audacioso cornetei ro Luís Lopes:

"Como do Céu co'a luz, que em roubo houvera
Por Minerva esteiado, alma, e voz dera
De Japeto a progenie ã estatuas brutas;
Do som, e do prodigio inesperado,
Envalescida assim a Pátria gente,

Logo mais, Titara compara o combate de Pira já ao duelo em que "os holandeses sentiram assaz os efeitos da terrível batalha de *Guararápy*, que eternizou os pernambucanos em novembro de 1648".

"E ã sanguinea carnagem crús se atiram,
Como nos teos redores, Guararápy,
Em um, de glória igual, outro Novembro.
Duplas n'alma as vinganças lhes metendo
O Nume, que aos combates torvo assiste,
Ã condensa coluna, que progrede
Arrojam-se de golpe, e o fragor crebro
Das armas repercute, (choque horrivel)
Da arborea geração nas verdes cupulas".

Continuando, vem a repercussão dos feitos he rõicos produzidos pelo som do clarim, confronta dos com as cenas ocorridas nas planícies de Alman ça, na Espanha. A vitória de Berwich sobre os in gleses, espanhóis, portugueses e holandeses, reuni dos sob o comando do refugiado francês Ruvigny, conde de Galloway (1707). O exército português, a pesar da excessiva bravura com que bateu-se fora desbaratado por uma força de cavalaria.

"Travadas medem-se ã mão tente, as forças;
Crise, em que, Severino, e tu, Gonçalves,
De arrojado valor vitima foste.[34]
Rupto em fim do invasor enxame, e audacia,
A's sumanas fogueiras parte empurram
Com ferro agudo, que lhe n'alma embuem
Os Brasileiros, na Vitõria fitos:
Parte, do som, que ouvira terrorada,
As cenas tuas recordando, Almanza,
Tergiversa apressada; e lã tombea
Na terra, que de lagos sanguinosos
Inteira se avermelha, e inunda inteira."

Na estância imediata, segue-se a exaltação da bravura indomita do Exército Libertador nos campos ondulados do sítio de Pirajá, sob o comando do general Pedro Labatut:

"Então, õ Pirajá, os quadros viste
Do Marathoneo campo, em que atrevido,
Com exiguo poder, caudaes cohortes
Ao Por seo General desbaratãra
O Atheniense Guerreiro. Audaces gloriosos
Senhoreando de novo, e ã pleno, o campo,
Que sangue, e bustos do aggressor irriça,
Dar os cabes conseguem, e espoream
Aos vencidos a fuga. Ei-los titiram,
E, as armas niveas treluzindo, vão-se,
Co'a vida ao menos d'escapar cuidosos.

Assim arrõjos feros avassalla
Impavida Virtude; assim ovante
He sempre a lide, que a Justiça advoga".

A narrativa do epílogo de Pirajá começa com a invocação de Hiacintina, comparada a Latona, mãe

de Apolo e de Diana, rival de Juno, esposa de Júpter, filha de Saturno, deusa do casamento, representada pelos poetas como orgulhosa, ciumenta e vingativa. Termina referindo-se a célebre vitória de Napoleão Bonaparte contra os austríacos, em Arcole, Itália, em 1796, numa alusão ao feito consagrador das armas brasileiras em Pirajá. Depois de Arcole, podiam afirmar: "O exército francês é o mais audacioso da terra". O feld-marechal austríaco Alvinzi teve a consciência disso; abandonou as alturas inexpugnáveis de Caldiero, abandonou Mantua, abandonou toda a Itália".[32]

"D'Hyacinthina côr se as folhas coram,
Cadaveres em rima o campo juncam,
E entre horrores, ã cento, o passo avança
A hoste triunfadora, que enojada,
Substituindo ao furor nobre piedade,
De seguir cessa os Lusos, porque os poupe,
E a terrivel matança alêm não passe.
Alipides de medo, e inordenados
As ourelas perpassam os fugaces
Da Vendezeira veia, que alto estranham,
Porque, se, ã pouco, limpida aljofrando,
Do alveo já desbordava escarlatina;
Quaes co'o sangue contrario de mistura
Bebeo de Mario o Exêrcito sedento:
Ou como a propria viste enraivecido,
Guerreando, ô Trebia, de teo gremio em tôrno.
O perito Scipião, d'eterna palma.
Qual decide em Arcole ardua batalha
O Estandarte, que plantas destemido,
Napoleão, nas hostes do inimigo:
Assim difficil vencer volve aos Bahianos."[33]

O combate de Pirajá causou uma derrota impressionante as forças do brigadeiro Madeira de Melo, concentradas nos dois baluartes da Divisão da Direita, em Pirajá e Cabrito. A bravura e o heroísmo dos soldados brasileiros abateram a moral e o entusiasmo do inimigo, que se apresentara em condições vantajosas em homens e preparo bélico.

Santos Titará, em nota, referindo-se as perdas do inimigo na luta, depõe: "Só pela estrada do *Bate-folha* até à Cruz do largo da Igreja de Pirajá, contaram-se 53 soldados mortos da Tropa Lusitana, e um sargento, que achou-se ferido, e enterrado té a cintura nos pantanos do *Dendezeiro;* além de muitas sepulturas, que pelo lado de *Cabrito* foram em triplicado número, além dos mortos também achados, inclusive alguns inferiores".[3/4]

Luís Henrique, em seu vigoroso ensaio crítico sobre a combatividade dos heróis anônimos que tomaram parte na Batalha de Pirajá, referindo-se aos méritos do corneteiro Luís Lopes, arauto da vitória de Pirajá, depõe: "Para Acioli, como para Titara, a imagem do obscuro Cabo-corneta salvando o Exército tinha um sabor especial de heroísmo invulgar. Dava-lhes orgulho, envaidecia-os.Mas essa versão não serve para compreendermos os motivos do fracasso do ataque português.Além do mais, a sua aceitação e repetição é uma injustiça à memória dos oficiais e soldados brasileiros que em Pirajá sustentaram suas posições e defenderam o Exército ainda em formação".[3'5]

Realmente, o simples toque de "avançar a cavalaria, e sucessivamente à degolar", quando devia ser o de "retirada", se não encontrasse o louvor dos oficiais e soldados, não haveria ratificado a

Independência do Brasil, proclamada a 7 de setembro de 1822, dois meses antes da sangrenta luta que se travara nos suburbios da capital baiana, terminada ao raiar do dia 2 de julho de 1823, com a fuga do brigadeiro Madeira de Melo para Portugal, — ao sinal convencionado de um tiro de peça disparado do forte de Santo Alberto.

Legenda guerreira evocada pelo povo, com base na tradição oral, o toque de "avançar a cavalaria" ou "retirada", assinala um dos lances decisivos da epopéia que contribuiu para a consolidação da Casa de Bragança no Brasil, presente na frase de D. Pedro I do Brasil e D. Pedro IV de Portugal, simbolo da unidade de duas Pátrias: *"É tempo! Independência ou Morte! Estamos separados de Portugal!"*

Era uma época em que a grandeza tinha a medida da extensão da soberania: o mundo mal conhecia a grandeza de compreender a liberdade dos outros.

A verdade é que nunca se poderá separar D.Pedro da história da liberdade no Brasil e em Portugal: *"Aqui estou"* — escrevia, mais tarde, da Ilha Terceira — *"no meio do Inverno, por amor da humanidade, de minha filha e da Liberdade"*.Tratava-se, desta vez, da liberdade dos portugueses.[35]

Se não fosse a Batalha de Pirajá, ocorrida no meio da Campanha da Bahia (1822-1823), a história da Independência se escreveria de outra forma. É o que se percebe da interpretação do historiador Brás do Amaral:

"Se a guarnição portuguesa se tivesse mantido aqui, não só todo o norte do Brasil teria ficado sujeito a Portugal, como é bem provável que mes

mo no Sul a independência houvesse desaparecido, pois pouco tempo depois, quando faleceu D.João VI, todos os que conhecem a história do Brasil e de Portugal bem sabem que, tendo se dado a circunstância de caber a coroa lusitana no mesmo Imperador do Brasil, não é difícil conjecturar o que poderia ter acontecido, se a independência só existisse na parte deste país onde ela havia sido feita pelo príncipe, e onde não havia o espírito de energia patriótica e revolucionária que tanto agitou aquele período da nossa vida política.

Mesmo que tais circunstâncias não viessem a ocorrer, a campanha da Bahia é o fato mais notável da independência, não somente por ter sido o lugar em que ela foi levada a efeito pelo povo com intenso sacrifício e muita glória, como pelo lado moral da questão".[37]

A 2 de julho de 1823, decorridos nove meses da Batalha de Pirajá, o Exército Pacificador deixa a paragem histórica de Pirajá com destino ao Terreiro de Jesus. A Lapinha foi o primeiro ponto da Cidade onde fez alto, em formatura festiva, a garbosa Divisão da Direita, junto a qual estava o Comando Supremo de todo o Exército com o seu Estado Maior. Na Soledade, no entrar do largo para quem sobe a rua hoje denominada Augusto Guimarães, ao lado da Igreja e Convento de N. S. da Soledade, levantaram os patriotas um vistoso arco triunfal a mando das religiosas do mesmo convento, sob o qual desfilaram as tropas vitoriosas. No Barbalho, foi em sua fortaleza, que se arvorou primeiro na cidade o pavilhão nacional, fazendo-o o alferes José Adrião, do Batalhão do Imperador.[38]

Vitória conquistada a ponta de baioneta, com

o sofrimento, o altruísmo, a coragem, levada ao sacrifício de todos os bens, do sangue e da vida, a luta que pôs fim o poder português no Brasil, abalado com os sucessivos movimentos nativistas do século XVIII, germinou e frutificou com o colorido de uma revolução popular.

A 7 de novembro de 1837, uma sessão solene na Câmara Municipal proclamou a independência e a república. "A província da Bahia fica inteira e permanentemente desligada do governo denominado — Central do Rio de Janeiro — e considerado Estado livre e independente".[39]

Passado os primeiros momentos da vitória da Sabinada, movimento chefiado por Francisco Sabino da Rocha Vieira, o corpo de polícia, sob o comando do tenente-coronel Manuel Coelho de Almeida Sande, tendo à frente o magistrado Dr. Antonio Simões da Silva, auditor, atravessou a cidade e foi acampar em Pirajá, declarando-se pela legalidade.

A reação começara a se organizar e disciplinar. Pela madrugada do dia 14, marcharam para Pirajá, onde chegaram à tarde do mesmo dia, o chefe de polícia Francisco Gonçalves Martins, tenente-coronel Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, chefe das tropas de Santo Amaro e da vila de São Francisco do Conde; Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão, coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, comandante das forças da Cachoeira; tenente-coronel Inácio Acioli de Cerqueira e Silva, da guarda nacional,e outros.

Em 7 dias, o recôncavo mobilizara-se e já estava às portas da Cidade, entrincheirado, vigilante e dando começo ao cerco.

Gonçalves Martins que havia deixado a capital nas primeiras horas do triunfo rebelde, para organizar a resistência no recôncavo, conhecedor do patriotismo dos baianos na epopéia da independência, realizara um milagre de esforço e organização. Foi a alma da resistência. Não lhe faltou o apoio da aristocracia rural, formada pelos senhores de engenho. A burguesia conservadora, fiel ao trono, se fez presente, para defesa da ordem legal, com material humano afeito aos serviços da guerra, adestrado na campanha da libertação da Bahia, em 1823. Era a nobreza rural, que se levantava a favor do Império.

Gonçalves Martins exorbitava de suas atribuições. No acampamento de Pirajá, nos primeiros dias de "crise e de terror", dormia vestido, com as armas à cabeceira, pronto para qualquer eventualidade. Notando que o efetivo da tropa era insuficiente para a luta que não se sabia quanto tempo ia durar, apesar do enfraquecimento das hostes rebeldes, foi ao Visconde de Garcia de Ávila e o Visconde de Pirajá, e convidou-os a tomarem parte na reação, sendo prontamente atendido.

Na reconquista da Cidade foi necessário uma conjugação de forças nunca visto no Brasil, para "que o exército legal se mantivesse à frente dos rebeldes à queima roupa, batendo-se durante quatro meses, de manhã até a noite, estando nos parapeitos as sentinelas, e o resto do exército esperando oculto pelas trincheiras o sinal de ataque quando o inimigo avançasse".[40]

A 15 de março de 1838, após uma luta titânica, findou-se a Sabinada.

A paz desceu sobre a Bahia. "Estava salvo o Império. A República baiana fora afogada em sangue pela Regência".[41]

Pirajá, passado o período das agitações políticas ocorridas na primeira metade do século XIX, converte-se num centro histórico da cultura baiana.

ROMARIA CÍVICA A PIRAJÁ

Em obediência a uma recomendação testamentária, a 4 de setembro de 1853, os restos mortais do general Pedro Labatut, lacrados, em uma urna de mármore, importada da Europa, por seu testamenteiro e amigo José Marcelino dos Santos, veterano da independência, foram trasladados, festivamente, para a Igreja de Pirajá.

No convento dos capuchinhos, na Praça da Piedade, o padre José Joaquim da Fonseca Lima, conego na Capela Imperial do Rio de Janeiro, e honorário da Catedral da Bahia, proferiu eloquente oração fúnebre, exaltando o passado e os feitos heróicos do general Pedro Labatut, — o Libertador. "Defensor estrênuo dos direitos dos povos, corria a sacrificar sua vida, onde quer que a liberdade estava em risco de sucumbir".[42] Exalta o erudito pregador, em seu sermão patriótico.

O povo, frêmito de entusiasmo, em romaria cívica, conduziu o "magnífico e fúnebre depósito", contento "os ossos do homem, que tão grande parte teve na conquista da nossa liberdade"[43], da Igreja da Piedade, onde fora exumado, até o Arsenal de Marinha. Dalí, seguiu por mar até o Cabrito, e, por último, à Igreja de Pirajá, onde se acham sepultados

os veteranos da Independência: brigadeiro Luís da França Pinto Garcez, coronel Manuel Joaquim Pinto Paca, José Jacome de Meneses Dória, e o major Francisco Lopes Jequiriçá.

O marechal de campo do exército brasileiro, Pedro Labatut, havia pedido, em 1848, "que o sepultassem na Igreja de Pirajá, junto do campo de batalha que dominou — em 8 de novembro de 1822 — com a sua vista lúcida de condutor de massas, exatamente no lugar em que o primeiro sangue do heroísmo purpurejara a alvorada brasileira".[44]

No ano seguinte à trasladação dos despojos de Pedro Labatut para a Igreja de Pirajá, o Dr. Francisco Álvares dos Santos, professor de matemáticas e depois lente da Faculdade de Medicina, instituiu a romaria de Pirajá que, aos bandos, em cavalhadas ou no rítmo das marchas de estudantes e caixeiros, levava todo ano ao túmulo do frânces uma multidão ardente.[45]

Essa a origem da romaria de Pirajá, iniciada a 12 de julho de 1854, após o encerramento dos festejos do 2 de julho, no domingo seguinte, colocando-se no mausoléu do herói uma grande coroa de flores naturais.

Argumenta-se que em virtude da deliberação tomada em 1900, de ser celebrada uma missa em honra a Nossa Senhora da Piedade, padroeira da Freguesia de Pirajá, de especial devoção de Labatut, "atribuiu-se ter a romaria caráter votivo pelo evento de 8 de novembro de 1822. O governo da Bahia, em 1823, resolveu solenizar o primeiro aniversário da Batalha de Pirajá com uma missa em ação de graças pela vitória das armas imperiais, mas "afora

isso, nenhuma outra homenagem cívica ou religiosa foi levada a efeito em Pirajá, antes da trasladação dos ossos do Marechal".[46]

Para reverenciar a memória dos heróis de 1823, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia mantem a tradicional romaria a Pirajá, depois dos festejos do 2 de julho, retomando a visita instituída por Álvares dos Santos.

"E desde então um lisonjeiro ruído popular periodicamente perturba a paz de Pirajá onde um busto de bronze e uma urna de pedra comemoram a vida enigmática e procelosa de Pedro Labatut".[47]

A 26 de julho de 1914, ao se fazer a tradicional romaria cívica aos campos de Pirajá, inaugurou-se, oficialmente, o Panteon de Labatut, modesto mas significativo monumento, idealizado e executado pela Liga Baiana de Educação Cívica, e o busto de Pedro Labatut, sobre a urna de mármore, retirada da Igreja de Pirajá.

A 20 de julho de 1919, sob os auspícios do Governo do Estado, realizou-se a tradicional romaria, sendo prestadas, como sempre, patrióticas homenagens a Pedro Labatut, e pela comissão popular dos festejos desse ano, inaugurados no Panteon, os retratos, do almirante Lord Cochrane, e do general José Joaquim de Lima e Silva.

Ininterruptamente, a partir de 1943, à memória dos heróis que combateram em Pirajá, passou a ser cultuada com o esplendor de antanho.

Acontece, porém, que a interferência dos políticos nas comemorações, diminuiu o entusiasmo do povo e ofuscou o brilho das solenidades. "Os tempos mudaram, e nos mudamos com eles". ...

PIRAJÁ NA ANTOLOGIA POÉTICA

Na antologia poética das lutas da independência na Bahia, os lances guerreiros registrados nos campos ondulados e nas encostas de Pirajá, têm sido motivo de inspiração para vates consagrados.

Castro Alves (1847-1871), poeta abolicionista, fulgura nos versos patrióticos, de fundo huguano, em *Ao Dous de Julho*, poesia que associa "as glórias passadas da terra natal e da pátria às da campanha paraguaia"[48], recitada em 1867, no Teatro São João. Sétima e oitava estrofes:

.....
Mãos, que, outrora de crianças
A rir — dentaram as lanças
Dos velhos de Pirajá...,
De homens hoje, as empunhando,
Nas batalhas afiando,
Vão caminho de Humaitá!...

Basta!... Curvai-vos, ó povo!...
Ei-los os vultos sem par,
Só de joelhos podemos
Nest'hora augusta fitar
Riachuelo e Cabrito,
Que sobem para o infinito
Como jungidos leões,
Puxando os carros dourados
Dos meteoros largados
Sôbre a noite das nações.

Em 1868, no Teatro de São Paulo, o poeta romântico do amor e da saudade, em *Ode ao Dous de Julho*, canta para as massas, na primeira estrofe:

Era no dous de julho. A pugna imensa
Travara-se nos cerros da Bahia...
O anjo da morte pálido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.
"Neste lençol tão largo, tão extenso,
"Como um pedaço rôto do infinito...
O mundo perguntava erguendo um grito:
"Qual dos gigantes morto rolará?!..."

Castro Alves interpreta o sentimento da época, vinculado ao evento do 2 de julho, data em que o povo manifesta pelas ruas o entusiasmo da primeira hora, como se anualmente, em festa, proclamasse a liberdade. Neto do major José Antonio da Silva Castro, um dos heróis de evidência da campanha da independência na Bahia, trazia no sangue, o amor a causa da liberdade. Quinta e sexta estrofes:

.....
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu — Liberdade peregrina!
Espôsa do porvir — noiva do sol!...

Eras tu que, com os dedos ensopados
No sangue dos avôs mortos na guerra,
Livre sagravas a Colúmbia terra,
Sangravas livre a nova geração!
Tu que erguias, subida na pirâmide,
Formada pelos mortos de Cabrito,
Um pedaço de gládio — no infinito...
Um trapo de bandeira — n'amplidão!...

Agrário de Meneses (1834-1863), voltado para os "gestos heróicos do amor à liberdade", no poema épico Pirajá, datado de 1855, alusivo a batalha de

8 de novembro de 1822, antes de cantar a epopéia dos heróis, consagra nas duas primeiras estrofes:

.....
Aqui, tremendo o tirano,
Sagrou o povo baiano
O nome de — Pirajá.

Pirajá — no livro d'oiro,
Em que tua glória luz,
Tu és o maior tesoiro
Da terra da Santa Cruz
Tu és a folha brilhante
Dessa memória gigante
Que o passado nos rendeu;
Tu és a página augusta
Dessa crônica vetusta,
Que a Liberdade escreveu!

Veja-se as duas últimas estrofes, de louvor a Pirajá, marco histórico das lutas guerreiras na Bahia.

.....
Puro amor da liberdade
Eu só vi em outra idade
Nos campos de Pirajá!...

Pirajá! disse o soldado,
E deixou de se carpir —
Foi o seu último brado
Foi seu extremo sentir!
Pirajá! — repete agora
O eco de hora em hora
Até às praias do mar!...
Pirajá! — resta-te um nome,
Que o tempo jamais consome,
Que há de eterno perdurar!

Francisco Moniz Barreto (1804-1868), em sua homenagem a Labatut, por ocasião da trasladação dos restos mortais do valoroso soldado, recorda, em estilo fúnebre:

Ouvis?... Em Pirajá cena estupenda
Vai pelos campos marciais agora;
Lá se levantam mortuárias pedras
Dos abertos sepulcros rompem vozes
De manes de guerreiros que preparam
O lúgubre cortejo ao chefe amado.
.....

O verbo retumbante de Artur de Sales (1879 - 1952), poeta simbolista, figura na composição *Pirajá*, onde os lances épicos da luta redobra a agitação extraordinária da batalha. Primeira estrofe:

Plaino de Pirajá, ó Platéa brasília!...
Pelos teus areais, numa acerba vigília,
Torcendo as mãos de dor, loucos de ansiedade,
Andaram soluçando a Pátria e a Liberdade...
.....

Oltima estrofe:

A voz de Labatut vai, temerosa
Abrindo na fumaça tumultuosa
Ressurreições de Iena e de Wagram.
Siara, Tota e Tiago hercúleos voam.
Tombam guerreiros. E as cornetas soam
Na harmônica explosão dessa manhã.

E, assim, desfilam poetas de ontem e de hoje, em hosanas a Pirajá, mantendo o fogo sagrado da tradição.

PARQUE HISTÓRICO DE PIRAJÁ

No ano das comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil, registra-se a criação do Parque Histórico de Pirajá, pelo prefeito Clériston Andrade. Iniciativa louvável, assinala os 150 anos da Batalha de Pirajá, ocorrida a 8 de novembro de 1822, no local onde se travaram memoráveis combates. Feito significativo para o povo do Município do Salvador, perpetua um dos episódios culminantes de nossa história política.

O Parque Histórico de Pirajá, instituído pelo decreto n. 4.355, de 8 de novemrbo de 1972, abrange toda a área que "na conformidade de pesquisa histórica, efetivaram-se os lances decisivos da Batalha de Pirajá", que vieram consolidar a emancipação política do Brasil.

Local aprazível, apresenta requisitos naturais indispensáveis ao desenvolvimento do turismo na Bahia. Além da Matriz de Pirajá, são dignos de preservação, com o aproveitamento do meio ambiental: a) - as áreas de mata densa em torno da barragem do rio do Cobre, com suas formosas cachoeiras, a primeira, na Bacia de Ogun, e a segunda, mais abaixo, na Bacia de Oxun, nomes de dois orixás do culto fetichista Gêge-Nagô; b) - encosta da barragem do Cobre; c) - encosta das margens da enseada de Cabrito.

Outra medida oportuna, incide na melhoria do acesso aos locais citados, à semelhança do que se observa com as igrejas de São Bartolomeu de Pirajá; São Bráz, em Plataforma; N. S. da Escada, esta última, tombada pelo Patrimônio Histórico e Ar

tístico Nacional, cenários ligados às lutas da tentativa de invasão holandesa, em 1638, e a Campanha da Independência na Bahia.

NOTAS E CITAÇÕES

1. *Pirajá*, corr. *pirá-yá*, capaz de peixe, o viveiro de peixes. Nome primitivo do esteiro vizinho de Itapagipe, na Bahia. - (Teodoro Sampaio. O TUPI NA GEOGRAFIA NACIONAL, Bahia, 1955). *Pirajá*, termo usado pelos marítimos no litoral da Bahia e também dos Estados nordestinos para designar aguaceiros repentinos e curtos, acompanhados de ventania - (Bernardino José de Sousa. ONOMASTICA GERAL DA GEOGRAFIA BRASILEIRA, Bahia, 1927).

2. BARBOSA, Mons. Manuel de Aquino. AS GLÓRIAS DE PIRAJÁ, in *Rev. do Inst. Geog. e Hist. da Bahia*, n. 66, 1940, p. 262.

3. PORTO SEGURO, Visconde de. HISTÓRIA GERAL DO BRASIL, tomo I, 3ª ed., S. Paulo, s/d, p. 251.

4. PINHO, Wanderley. HISTÓRIA DE UM ENGENHO DO RECÔNCAVO 1552-1944. Rio de Janeiro, 1946, p.9.

5. *Docs. Hist.*, vol. 35, Rio de Janeiro, 1937, pp. 321-324.

6. *Docs. Hist.*, vol. 36, Rio de Janeiro, 1937, p. 98.

7. SOUSA, Gabriel Soares de. TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL EM 1587, comentários de Francisco Adolfo Varnhagen, S. Paulo, 1938, p. 150.

8. BARBOSA, Mons. M. de Aquino. RETALHOS DE UM ARQUIVO, Bahia, 1972, p. 148.

9. LEITE, Serafim. HISTÓRIA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL, vol. V, Rio de Janeiro, 1945, p. 264.

10. AZEVEDO, J. Lúcio de. HISTÓRIA DE ANTONIO VIEIRA, 2ª ed., tomo I, Lisboa, 1931, pp. 38-39.

11. CALMON, Pedro. JOSÉ DE ANCHIETA — O SANTO DO BRASIL, S. Paulo, 1930, p. 7.

12. *De Gestis Mendi de Saa, praesidis in Brasilia*. Ms., que existia em Algorta (Espanha) na família Zuozola. Informa Serafim Leite. - HIST. DA COMP. DE JESUS NO BRASIL, vol. VIII, Rio de Janeiro, 1949, p. 28).

13. Aparece na bibliografia brasileira com as denominações de: São Bartolomeu da Passagem, São Bartolomeu de Itapagipe, Ribeira de Itapagipe, Ribeira, Itapagipe e São Bartolomeu. Da Passagem, "por passar por alí uma das estradas que de todos os sertões vem entrar na Bahia, sempre por terra". Segundo Silva Campos, da Ribeira "por se achar à orilha do esteiro ou, segundo se dizia primitivamente, rio de Pirajá, no antigo Porto dos Pescadores, e mais tarde da Passagem". Foi demolido em 1903, sendo Intendente Municipal, o Dr. José Eduardo Freire de Carvalho Filho, "sem que dele reste hoje em dia o mínimo de vestígio".

14. VIAGEM IMPERIAL OU NARRAÇÃO DOS PREPARATIVOS, FESTEJOS E FELICITAÇÕES QUE TIVERAM LUGAR NA PROVÍNCIA DA BAHIA POR OCASIÃO DA VISITA, QUE A MESMA FIZERAM SS. MM. II EM OUTUBRO E NOVEMBRO DO CORRENTE ANO. Bahia, 1859, p. 40.

15. *Liv. de Ordens Régias de 1755 a 1757*, fl. 506 - Arq. Púb. do Est. da Bahia.

16. *Mirangaoba*, corr. *mboy-rangã-oba* o manto de figura de cobra. Era o nome de um principal dos Tupinambás, senhor da aldeia de S. João, no esteio de Pirajá, na Bahia. Os chefes indiginas, em dia de solenidade, traziam um manto (*oba*) tecido e enfeitado de modo bizarro, manto que lhes descia da cabeça à cinta. O manto principal era enfeitado em figura de cobra (*mboy-rangã* ou *mboy-rangaba*).- (T. Sampaio, *ob. cit.*)

17. *Liv. de Ordens Régias* cit., fls. 505 v./ 506.

18. *Liv. de Ordens Régias* cit., fl. 507.

19. Clérigo do hábito de S. Pedro,segundo Bispo do Brasil, sepultado na Igreja da Sé, na Capela do S. Sacramento, ao tempo chamada de N. S. do Amparo.

20. BARBOSA, Mons. de Aquino, *ob. cit.*,p. 148.

21. A palavra "fogos", naquele tempo significava casas.

22. *Anais do Arq. Pub. da Bahia*, vol.I, Bahia, 1917, p. 18.

23. BARBOSA, Mons. de Aquino.*ob. cit.*, p. 149.

24. WANDERLEY PINHO, *ob. cit.*, pp. 30-31.

25. JAGUARIBE, João Nogueira. O CONDE DE BAGNUOLI, S. Paulo, 1918, p. 62.

26. AMARAL, Brás. HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA NA BAHIA, Bahia, 1923, pp. 191, 192, 248, 249.

27. TAVARES, Luís Henrique Dias. A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NA BAHIA, Rio de Janeiro, 1977, p. 122.

28. Ladislau dos Santos Titara nasceu na Feira de Capuame, freguesia do Senhor do Bonfim da Mata de São João, a 24 de maio de 1801. Filho natural de Manuel Ferreira dos Santos Reis, advogado nos auditórios da capitania da Bahia e de Isidora Maria. Irmão dos poetas: João Gualberto Ferreira dos Santos, tradutor da *Eneida*, de Virgilio, e Antonio Ferreira dos Santos, professor de latim, autor do *Disfarce poético*, publicado no *Mosaico*, Bahia, 1946. Titara faleceu no Rio de Janeiro, a 18 de março de 1861.

29. TITARA, Ladislau dos Santos. PARAGUASSÚ. Epopéia da Guerra da Independência na Bahia. São Paulo, 1973, p. 78.

30. Clemente Mariani Bittencourt in *Paraguassú*, p. 49.

31. Severino José, soldado da Legião da Bahia, gravemente ferido por 2 balas, e José Gonsalves, do Regimento de Pirajá, por uma. Labatut reformou ambos com o soldo por inteiro, depois do haverem escapado.

32. MEREJKOVSKY, Dmitri. NAPOLEÃO. Tradução de Agripino Grieco. S. Paulo, 1934, p. 191.

33. Informa Santos Titara em nota, à página 95: "É para sentir, que de uma ação tão brilhante para a Bahia, e todo o Brasil, não exista, ao menos, onde se viesse mais aproximadamente, quando não fosse ao certo, o número, e nomes dos que pereceram neste combate, onde pela nossa parte sucumbiram também alguns indios: mas o certo é, que a perda do inimigo foi desmarcada, pois apezar de logo enterrarem muitos dos mortos, inda assim ficarem

no campo em oito horas de fogo, só desde o largo de *Pirajá* pela esquerda, até ao *Bate-Folha* 53 mortos, inclusos 2 sargentos, constando por notícias fidedignas que o total dos mortos excederam a 130, e os feridos montaram a 200 e tantos, inclusive 3 oficiais, sendo um destes o alferes Salazar da 4ª de Infantaria, ferido no pé direito. Das tropas de linha de todo o Exército Baiano só morreram no campo, 1 soldado de caçadores do Rio, 2 de Pernambuco, e 7 da Bahia, além dos dois bravos oficiais também baianos; e ficaram feridos 13 praças de 1ª Linha. Das Milicias e paisanos, os feridos chegaram a 15, contusos poucos, e alguns mortos".

34. SANTOS TITARA, *ob. cit.*, nota 1, p. 80.

35. TAVARES, Luís Henrique, *ob. cit.*, p. 123.

36. PALÁCIO DE QUELUZ - D. PEDRO D'ALCÂNTARA DE BRAGANÇA 1798-1834 - IMPERADOR DO BRASIL REI DE PORTUGAL. Publicação da Secretaria de Estado da Cultura e Fundo de Fomento Cultural. Lisboa, 1986, p. 7.

37. AMARAL, Brás. A BAHIA NA INDEPENDÊNCIA NACIONAL, in *Diário Oficial* - Edição Especial do Centenário. Bahia, 2 de julho de 1923, p. 10.

38. *Entrada do Exército Pacificador na Cidade*. Crayon de Bento Capinam. Legenda. *Diário Oficial* cit.

39. Ata da Câmara Municipal do Salvador, 7 de novembro de 1837.

40. Discurso de Gonçalves Martins, no Parlamento Nacional, na sessão de 18 de maio de 1838.

41. VIANA FILHO, Luís. A SABINADA, Rio de Janeiro, 1938, p. 183.

42. LIMA, Padre José Joaquim da Fonseca. ORAÇÕES FÚNEBRES, Rio de Janeiro, 1877, p. 8.

43. *Idem, Idem*, p. 3.

44. CALMON, Pedro. FIGURAS DE AZULEJOS, Rio de Janeiro, 1939, pp. 136-137.

45. *Idem, Idem*, p. 137; BOCANERA JÚNIOR, Sílio. BAHIA CÍVICA E RELIGIOSA, Bahia, 1926, pp. 56-57.

46. RUY, Afonso. DOSSIER DO MARECHAL PEDRO LABATUT. Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 1960, pp. 229-230.

47. CALMON, *ob. cit.*, p. 137.

48. MARQUES, Xavier. VIDA DE CASTRO ALVES. 2ª ed., Rio de Janeiro, p. 104.

B I B L I O G R A F I A

AMARAL, Brás do. *História da Independência na Bahia*, Bahia, 1923.

————. A *Bahia na Independência Nacional*. In *Diário Oficial* - Edição Especial do Centenário. Bahia, 2 de julho de 1923.

ANAIS DO ARQUIVO PÚBLICO DA BAHIA, vol. I, Bahia, 1917.

ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DO SALVADOR, DE 7 DE NOVEMBRO DE 1837 - Arq. Hist. da Prefeitura do Salvador.

AZEVEDO, J. Lúcio de. *História de Antônio Vieira*. 2ª ed., tomo I, Lisboa, 1931.

BARBOSA, Mons. Manuel de Aquino. *As glórias de Pirajá*. in *Rev. do Inst. Geog. e Hist. da Bahia*, n. 66, 1940.

————. *Retalhos de um Arquivo*, Bahia, 1972.

BOCANERA JÚNIOR, Sílio. *Bahia Cívica e Religiosa*, Bahia, 1926.

CAMPOS, J. da Silva. *Fortificações da Bahia*, Rio de Janeiro, 1940.

CALMON, Pedro. *José de Anchieta - O Santo do Brasil*, S. Paulo, 1930.

————. Figuras de Azulejos, Rio de Janeiro, 1939.

CASTRO ALVES. *Obras Completas*. Organização, fixação do texto, cronologia, notas e estudos por Eugênio Gomes. Rio de Janeiro, 1960.

DIÁRIO OFICIAL - Edição Especial do Centenário. Bahia, 2 de julho de 1923.

DISCURSO de Gonçalves Martins, no Parlamento Nacional, na sessão de 18 de maio de 1838.

DOCUMENTOS HISTÓRICOS, Biblioteca Nacional, vol. 35, Rio de Janeiro, 1937; vol. 36, Rio de Janeiro, 1937.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *Fortes Coloniais da Cidade do Salvador*, S. Paulo, 1942.

JAGUARIBE, João Nogueira. *O Conde de Bagnuoli*, S. Paulo, s/d.

LEITE, Serafim, S.I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. V, Rio de Janeiro, 1945; vol. VIII, 1949.

LIMA, Padre José Joaquim da Fonseca. *Orações Funebres*, Rio de Janeiro, 1877.

LIVRO DE ORDENS RÉGIAS DE 1755 A 1757 - Arq. Público da Bahia.

JORNAL DE ALA. N. VIII, Bahia, 1943.

MARQUES, Xavier. *Vida de Castro Alves*, 2ª, Rio de Janeiro, s/a.

MEREJKOVSKY, Dmitri. *Napoleão*. Tradução de Agripino Grieco. S. Paulo, 1934.

OBRA POÉTICA DE ARTUR DE SALES. Publicação da Secretaria de Educação e Cultura. Bahia, 1973.

PALACIO DE QUELUZ. *D. Pedro d'Alcântara de Bragança 1798-1834 - Imperador do Brasil e Rei de Portugal*. Publicação da Secretaria de Estado da Cultura e Fundo de Fomento Cultural. Lisboa, 1986.

PIN E ALMEIDA, Miguel Calmon du. *A Batalha de Pira*

já, Rio de Janeiro, 1923.

PINHO, WANDERLEY. *História de um Engenho do Recôncavo 1552 - 1944*, Rio de Janeiro, 1946.

PORTO SEGURO, Visconde de. *História Geral do Brasil*, tomo I, 3ª ed., S. Paulo, s/d.

RUI, Afonso. *Dossier do Marechal Pedro Labatut*. Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 1960.

SÁ MENEZES. *Agrário de Menezes - Um Liberal do Império*. Bahia, 1968.

SAMPAIO, Teodoro. *O Tupi na Geografia Nacional*, Bahia, 1955.

SOUSA, Bernardino José de. *Onomastica Geral da Geografia Brasileira*, Bahia, 1927.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, comentários de Francisco Varnhagen, S. Paulo, 1938.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *A Independência do Brasil na Bahia*, Rio de Janeiro, 1977.

TITARA, Ladislau dos Santos. *Paraguassú*. Epopéia da Guerra da Independência na Bahia. S. Paulo, 1973.

VIAGEM IMPERIAL OU NARRAÇÃO DOS PREPARATIVOS, FESTEJOS E FELICITAÇÕES QUE TIVERAM LUGAR NA PROVÍNCIA DA BAHIA POR OCASIÃO DA VISITA, QUE A MESMA FIZERAM SS. MM. II EM OUTUBRO E NOVEMBRO DO CORRENTE ANO. Bahia, 1859.

VIANA FILHO, Luís. *A Sabinada*, Rio de Janeiro, 1938.

VILHENA, Luís dos Santos. *Notícias Soteropolitanas e Brasílicas - (Cartas de Vilhena)*, anotadas por Brás do Amaral, vol. I, Bahia, 1922.

Impresso na
Gráfica Universitária
Salvador - Bahia

118. MATOS, Edilene. *Notícia biográfica do poeta popular*, Cuica de Santo Amaro. Salvador, C.E.B., UFBA, 1985, 81p.

119. MARINHO, Josaphat. *Universidade, cultura e política*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1985, 15p.

120. MENEZES, Jaime de Sá. *Oração da saudade*, elogio de Pedro Calmon. Salvador, C.E.B., UFBA, 1985, 24p.

121. AZEVEDO, Thales de. *Um momento da vida intelectual na Bahia*. 1917-1938, a presença e influência do Pe. Luiz Gonzaga Cabral, S.J., Salvador, C.E.B., UFBA, 1986, 32p.

122. CALASANS, José. *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1986, 110p.

123. EDELWEISS, Frederico. *Lições de Etimologia Tupi*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1986, 40p.

124. VEIGA, Claudio. *Um retrato da Bahia em 1904; O Papão*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1986, 40p.

125. SCHWEBEL, Horst Karl. *Bandas, Filarmônicas e mestres na Bahia*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 58p.

126. MATTOS, Waldemar. *Pirajá, relíquia do heroísmo baiano*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 42p.

Fora da Série:

MATOS, Edilene. *O Imaginário na Literatura de Cordel*, Salvador, C.E.B., UFBA, Edições Macunaíma, 93p. (Dissertação de Mestrado em Letras na UFBA).

VITAE
Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social